

Realizou-se hoje no Museu do Trabalho em Setúbal uma sessão debate orientada pelo Presidente da Direção da ACR sobre o tema “Descolonização, Guerra e Paz”, acompanhado pelo dirigente da ACR Paulo Guerra que enquadrou a projeção do filme documentário realizado por ele próprio e Edgar Feldman em homenagem a “Varela Gomes – Um olhar próprio”.

No final da sessão debate Fernando Casaca leu o texto que aqui publicamos.

Houve um Tempo.

Houve um tempo em que os nossos antepassados - no trânsito, muitas vezes forçado, de pescadores e camponeses para marinheiros, largados, no mar infinito dos oceanos - abriram caminhos, entre ondas e adamastores; caminhos que eram, até, então, desconhecidos dos mapas portugueses e europeus. Foi o tempo das descobertas geográficas, do espanto e do encontro com outras realidades - naturais e humanas - distintas das que conheciam e que tinham construído, no seu território materno. Não demorou muito para que o capitalismo tomasse conta dessas novas conquistas da humanidade. Com a voracidade de um senhor da sanzala, apropriou-se desses mundos, traficando matérias-primas e especiarias; bens e mercadorias, de diferentes latitudes ou origens. Na sua voracidade, o capitalista inventou o tráfico de seres humanos. Homens e mulheres livres, passaram a ser o equivalente a mercadoria; carne para trabalhos e violações, de diversos géneros; para o ‘come e cala’, imposto pelo colono e, ao mesmo

tempo, proprietário de pessoas, de pessoas escravizadas.

Entretanto, os escravizados conquistaram aquilo a que tinham direito, o seu próprio direito à liberdade - como seres humanos, de pleno direito. Entretanto, diversos territórios tornaram-se independentes; outros, contra a maré da História, continuaram ainda sobre o jugo do colonialismo. No nosso país, o MFA - braço armado do povo - e o próprio povo, na sua esmagadora maioria, transformaram um país colonial em terra de liberdade. E a liberdade - uma coisa linda, conquistada numa madrugada de abril - tornou possível a autodeterminação de outros povos. E os povos decidiram pela sua independência.

Deste lado, do lado do Portugal ressuscitado, esse processo de emancipação foi designado pelo nome de descolonização - um palavrão, que significou paz e dignidade, para todos os povos envolvidos. Era a nossa revolução comum.

Hoje, a descolonização está concluída; hoje, é preciso continuar a descolonizar as nossas vidas. Descolonizar os museus que continuam a expor obras, que não lhes pertencem, por direito e ética. Descolonizar as escolas, onde a História contada, tantas vezes, ainda, é outra, a da 'outra senhora'; escrita pelos vencedores de outros tempos. É urgente atualizar informação, intervir com uma nova perspetiva. Uma visão inclusiva - em que não se repete a tradição, mas onde se debate a contradição (i.é, as contradições dos processos), através da leitura dos dados científicos. Descolonizar as ruas, largos, praças e alamedas em que figuras e símbolos coloniais invadem o espaço público - privado, dessa forma, da liberdade de pensamento. É urgente contextualizar o confronto, sem a premissa de o justificar; urge estimular a mudança, exercer sentido crítico, desenvolver a solidariedade. Descolonizar os bairros, onde pobreza e diferença étnica se confundem. As cidades, onde o racismo e a intolerância à diferença; o estigma, com base na cor da pele, no gosto musical ou no medo incutido, dominam a vida coletiva.

Dizem que a esperança é a última... agarremos, então, a esperança enquanto é tempo. Que a memória daqueles que, em 1974, iniciaram este processo não fique fechada e esquecida nos arquivos da História. Sejam, nós, os protagonistas dessa História, agarrando nas nossas mãos a responsabilidade de continuar a obra, os feitos, os desejos e vontade firme dos nossos heróis.

Fernando Arnêdo-Casaca

16 de novembro de 2024

Lido no Museu do Trabalho, Setúbal